

**Os Ventos do Norte não Movem Moinhos...:¹
evangélicos e extrema direita no Brasil**
**North winds don't move windmills...:
Evangelicals and the far-right in Brazil**

Wanderley Pereira da Rosa²

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar a relação entre importantes setores, grupos, lideranças e denominações evangélicas brasileiras e o recente movimento de extrema direita no Brasil, fenômeno conhecido como bolsonarismo. A relação entre evangélicos e grupos políticos reacionários no país não é inédita. Parte considerável dessas lideranças e denominações já haviam prestado apoio entusiástico ao golpe civil-militar e aos governos ditatoriais que perduraram no Brasil de 1964 a 1985. Nossa tese é de que a chamada Teologia do Domínio serviu e serve de justificativa teológica para tal relação. Em suma, a relação dos evangélicos conservadores e a extrema direita estadunidenses são a inspiração para o que ocorreu e vem ocorrendo no cenário brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Evangélicos; Extrema-Direita; Bolsonarismo; Teologia do Domínio.

ABSTRACT

This article aims to present the relationship between important Brazilian evangelical sectors, groups, leaders and denominations and the recent far-right movement in Brazil, a phenomenon known as bolsonarismo. The relationship between evangelicals and reactionary political groups in the country is not unprecedented. A considerable number of these leaders and denominations had already given enthusiastic support to the civil-military coup and the dictatorial

¹ Da música *Sangue Latino* lançada em 1973 no Álbum Secos e Molhados do grupo de mesmo nome. Compositores Joao Ricardo Carneiro Teixeira Pinto e Paulo Roberto Teixeira da C. Mendonça, interpretada por Ney Matogrosso.

Uma versão reduzida deste artigo foi publicada em espanhol: MCGEOCH, Graham; ANDRADE, Luiz Martínez (coords.). *Indecentes e Indignadas: teologias, pedagogias y práxis de liberación em América Latina*. Bogotá (Colombia): Editorial Laboratorio Educativo, 2024.

² Graduado em Teologia (1991) e Filosofia (2002), mestre em Teologia pelas Faculdades EST (2010), doutor em Teologia pela PUC/RJ (2015) e pós-doutor em Teologia pelo Seminário Teológico de Princeton (2023). É professor de História do Cristianismo e Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória.

governments that lasted in Brazil from 1964 to 1985. Our thesis is that the so-called Theology of Domination has served and serves as a theological justification for this relationship. In short, the relationship between conservative evangelicals and the American far-right is the inspiration for what has happened and is happening on the Brazilian scene.

KEYWORDS

Evangelicals; Far-Right, Bolsonarismo; Dominion Theology.

Introdução

Este texto apresenta a relação entre evangélicos e extrema-direita no Brasil em dois momentos, no período que vai do golpe civil-militar à era pré Bolsonaro e na era do bolsonarismo. Sua premissa é que em ambos os períodos a inspiração, o apoio estratégico e financeiro e mesmo ações de intervenção tiveram a mesma fonte, o governo e movimentos evangélicos conservadores dos Estados Unidos. A Teologia do Domínio e sua identificação com a ideologia da extrema-direita norte-americana serviu e serve de base teórica para tais relações e suas ações programáticas.

Em sua primeira seção apresentamos a aproximação do campo evangélico brasileiro de corte conservador/fundamentalista com organizações, movimentos e lideranças evangélicas estadunidenses considerando a conjuntura político-ideológica mais ampla conforme desenhada pelo contexto da Guerra Fria. Na segunda seção abordamos a relação dos evangélicos com a extrema-direita no Brasil, seu apoio ao líder maior deste espectro político, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, bem como a teologia que dá sustentação a esta relação, a Teologia do Domínio, com uma breve introdução à sua história, princípios e mentores e a forma que esta tem se inserido no Brasil e o projeto de poder pretendido por seus líderes.

1. Evangélicos e Extrema-Direita no Período do Regime Militar

O rosto do protestantismo brasileiro começou a mudar entre as décadas de 50 e 60 do século passado. Foram diversos os fatores que causaram esta mudança. Um desses fatores foi o rápido processo de industrialização pelo qual passava o Brasil no pós-guerra, com o consequente crescimento de grandes cidades do sudeste do país, especialmente, São Paulo e Rio de Janeiro. A migração de massas de nordestinos para esses grandes centros ocasionou o crescimento vertiginoso das igrejas pentecostais presentes nas periferias dessas cidades. É a partir desse período que as denominações pentecostais, paulatinamente, assumem o protagonismo do campo evangélico brasileiro em termos numéricos e, conseqüentemente, na capacidade de aglutinar poder econômico e político.

Esse crescimento não passou despercebido daqueles que militavam neste campo. Em 1965 aconteceu o primeiro evento cujo objetivo era debater o fenômeno pentecostal. Isto ocorreu por ocasião do Simpósio da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), fundada em 1961, por Seminários ligados às denominações históricas, quais sejam, presbiterianos,

batistas, congregacionais, metodistas, luteranos e anglicanos. O tema da Assembleia de 1965 foi *A Doutrina do Espírito Santo e o Movimento Pentecostal*.³

Em 1967, foi publicado o livro *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*, pelo missionário americano William Read sobre o crescimento do protestantismo brasileiro. Boa parte da obra é dedicada ao movimento pentecostal, sobretudo a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus, mas também O Brasil para Cristo e outras denominações menores.⁴ Ainda nesta década, surgiu o primeiro livro cujo foco era a análise acadêmica do fenômeno. Trata-se do livro da professora Beatriz Muniz de Souza que, sob o viés da Sociologia da Religião, publicou, em 1969, *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*.⁵

Esse interesse demonstrado sobre o pentecostalismo, a partir da segunda metade da década de 1960, é um claro reflexo do crescimento acelerado dos pentecostais. Calcula-se que em 1930 esses grupos representavam 14% dos protestantes no Brasil. Em 1964, esse percentual subiu para 69%.⁶

Um segundo fator que ajuda na mudança do campo protestante brasileiro é a chegada ao Brasil das chamadas *Missões de Fé*. Esse movimento precisa ser considerado à luz do contexto político ideológico mais amplo pela qual passava o mundo. Estamos nos referindo à bipolarização geopolítica como reflexo da Guerra Fria. No que tange ao Brasil, há farta documentação comprovando o apoio e envolvimento do governo dos Estados Unidos no golpe civil-militar ocorrido em nosso país em 1964. Esse apoio e envolvimento se deu em várias frentes, uma delas, que interessa ao tema deste artigo, foi o financiamento dessas Missões de Fé que tinham como objetivos precípuos a fundação de Institutos Bíblicos e Editoras teológicas nos países onde elas se baseassem. A esse respeito, ao comentar o período que se seguiu ao golpe militar no contexto das denominações evangélicas, José Bittencourt Filho declara que:

O expurgo de intelectuais das instituições oficiais de ensino teológico favoreceu a multiplicação dos “Institutos Bíblicos”, tidos na conta de supra ou interdenominacionais, agentes institucionais que dariam respaldo à estratégia ideológica das Missões de Fé. (...) A década de 1970 pode ser considerada aquela na qual foram dispendidos (sic) grandes esforços no sentido de apagar a memória de quase duas décadas de experiência na linha da ‘contextualização’. O Protestantismo Histórico nesse período sofreu uma ‘cirurgia plástica’ que o tornaria irreconhecível, quando comparado com as vivências e projetos desenvolvidos desde sua implantação, em meados do século XIX, até meados do século XX.⁷

Essas Missões de Fé desempenharam o papel de confundir a ideologia imperialista da extrema-direita estadunidense com uma determinada interpretação teológica da Bíblia, apresentando ambas como um mesmo discurso, tendo no comunismo seu inimigo fidalgo. Por isso,

³ SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de (Ed). *O Espírito Santo e o Movimento Pentecostal: textos do Simpósio da ASTE de 1965*. São Paulo: ASTE, 2022.

⁴ READ, William R. *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.

⁵ SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. Raízes Históricas, Sociais e Teológicas do Movimento Pentecostal. *Simpósio*, vol. 10 (4) ano XXXVII, no. 48, 2008, p. 64, nota 3.

⁷ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Vitória: Editora Unida, 2019, p. 141. Um texto publicado em 1991 do jornalista Delcio Monteiro de Lima esquadrinhou o envolvimento do governo norte-americano com o regime militar instalado no Brasil em 1964 e o apoio dado às Missões de Fé. Cf. LIMA, Delcio Monteiro de. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

Delcio Monteiro de Lima afirma que essas organizações paraeclesiais “pontificam uma linha de proselitismo em que o modelo de sociedade perseguido surge inevitavelmente da conjugação de princípios conservadores com os ideais espirituais buscados pela evangelização”. E ele conclui que “os Estados Unidos são, então, mostrados como figurino daquela harmonização de fatores num mundo socialmente equilibrado à luz da doutrina cristã. Nesse contexto, não é difícil encaixar o comunismo como elemento de desagregação”⁸. A chegada dessas Missões de Fé ao Brasil coincide com diversos cismas ocorridos nas denominações protestantes históricas causados pela influência da teologia e liturgia pentecostais, dando origem a novas denominações carismáticas. Os Institutos Bíblicos e as Editoras fundadas por esses missionários norte-americanos tiveram imensa influência, em maior ou menor grau, na formação da mentalidade das novas gerações de evangélicos brasileiros de todos os matizes: históricos, pentecostais e renovados.

Por último, vale destacar também a chegada ao Brasil dos televangelistas norte-americanos. Esses líderes utilizavam os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, mas também o rádio e a mídia impressa para alcançar as mentes, os corações e os recursos financeiros de milhões de fiéis. Homens tais como Pat Robertson, Jimmy Swaggart, Robert Schuller, Jim Baker, Oral Roberts e Jerry Falwell despertaram nos líderes evangélicos brasileiros, especialmente, mas não somente, pentecostais e neopentecostais, o interesse pelo uso da televisão e rádio para construir seus impérios eclesiais. Com o tempo, isto afetou, inclusive, as tradicionais regras de usos e costumes tão caras aos pentecostais que, diante do potencial de expansão proporcionado pelo uso dessas ferramentas de mídia, notadamente, a televisão, flexibilizaram gradativamente os interditos de outrora.

Esta flexibilização alcançou também a relação que até então a maioria dos evangélicos mantinha com a política. A década de 80 é a década na qual, definitivamente, há uma guinada nas denominações no sentido de se incorporar a prática político-partidária como missão da igreja.⁹ Até então, a palavra de ordem que se ouvia na maioria das igrejas era que *crente* não se mete em política. Mas, com as novas influências vindas principalmente através das Missões de Fé e dos televangelistas, as denominações aderem a um projeto de poder político-partidário. Esta adesão ganhou visibilidade nas eleições de 1986 que culminaram na Assembleia Nacional Constituinte de 1987/1988. Ali se formou a Bancada Evangélica com o objetivo de enfrentamento de supostos privilégios que seriam concedidos à Igreja Católica Romana. Em face disso, embora a pauta moral já estivesse presente, curiosamente, a agenda prioritária era a defesa do Estado laico como garantia dos direitos das denominações evangélicas.¹⁰

⁸ LIMA, 1991, p. 140-141.

⁹ É bem verdade que, especialmente, setores progressistas dos protestantes nacionais já exerciam há décadas uma militância política, partidária ou não. Como exemplo, citamos aqui o pastor metodista Guaracy Silveira, eleito para a Constituinte de 1933/34 pelo Partido Social Brasileiro. Cf. ALMEIDA, Vasni de. Ensino Religioso ou Educação Moral e Cívica? A participação de Guaracy Silveira na Assembleia Nacional Constituinte de 1933/1934. *Revista de Educação do COGEIME*, Ano 11 – nº 21 – dezembro/2002, p. 28. Também o presbiteriano Lysâneas Maciel, eleito Deputado Federal, muito combativo contra a Ditadura Militar. Cf. REZENDE, Jonas. *E Lysâneas disse basta!* esboço biográfico de Lysâneas Maciel. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000. E o também presbiteriano, Rev. Jaime Wright, o nome por trás do projeto *Brasil Nunca Mais*, juntamente com D. Paulo Evaristo Arns, que deu origem ao livro de mesmo nome. Cf. DASILIO, Derval. *Jaime Wright: o pastor dos torturados*. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012.

¹⁰ Atualmente, esses mesmos setores evangélicos, anabolizados pelo seu poder político e financeiro, consequência de seu crescimento numérico, atacam o Estado Laico na defesa da implantação de uma espécie de teocracia cristã-evangélica, como veremos nas páginas seguintes.

Paul Freston mostra que entre 1933 e 1987, os protestantes tiveram 50 parlamentares, sendo 94% deles ligados a denominações históricas e os restantes, pentecostais. Entre 1987 e 1992, foram eleitos 49 candidatos evangélicos, sendo 45% históricos e 55% pentecostais. Portanto, num período de cinco anos foi eleito praticamente o mesmo número de parlamentares evangélicos eleitos nos 55 anos anteriores, com uma guinada para os candidatos pentecostais.¹¹

Freston ainda destaca que a primazia dos parlamentares pentecostais a partir da Constituinte deu-se como fruto de uma articulação política por parte das principais denominações pentecostais brasileiras, a saber: Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja Universal do Reino de Deus. Dos 27 congressistas pentecostais, pelo menos 21 eram candidatos oficiais de suas denominações, cujo caráter centralizador e estilo feudal possibilita às suas lideranças o controle político das respectivas comunidades, determinando até mesmo em quem os membros devem votar.¹²

Essa mudança de atitude dos evangélicos, sobretudo pentecostais em relação à participação política, fica bem ilustrada por um livro escrito pelo assembleiano Josué Sylvestre, chamado *Irmão Vota em Irmão*, lançado em 1986. Sylvestre, que também era assessor no Senado Federal, escreve em tom pietista e ufanista, defendendo os evangélicos como os melhores parlamentares, pois são tementes a Deus. Apelando ao amor fraterno, conclama:

E como aceitar um cristão que no dia da eleição sai deliberadamente de casa para VOTAR CONTRA O SEU IRMÃO NA FÉ? (...) Porque quem ama, não quer ver seu irmão derrotado; quem ama, não quer ver o seu irmão diminuído perante os concorrentes; quem ama, vê na vitória do seu irmão o seu próprio triunfo. (...) Por outro lado, votando em candidatos evangélicos, de bom testemunho cristão, estaremos demonstrando amor para com a nossa Pátria, estaremos demonstrando interesse pelo seu desenvolvimento e pela melhoria da vida de milhões de brasileiros. (...) Católico vota em católico. Comunista vota em comunista. Umbandista vota em umbandista e IRMÃO VOTA EM IRMÃO; isto é, crente vota em crente, porque, do contrário, não tem condições de afirmar que é mesmo crente, pois se afirmar isso e votar contra o irmão, estará desmentindo o próprio Jesus, que disse: “nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se amardes uns aos outros.”¹³

Um reflexo dessa mudança de cenário na representatividade protestante no mundo político brasileiro é que, da tendência levemente à esquerda observada no período anterior a 1987, os parlamentares evangélicos, daí em diante, estarão majoritariamente ligados às forças conservadoras da política nacional.

Como destacado acima, a defesa do Estado laico era prioridade para a Bancada, face aos boatos de que a Igreja Católica Romana voltaria a ser a Igreja oficial do Brasil. Mas, já naquela legislatura é possível identificar também as bandeiras ligadas à defesa de questões da moral comportamental adotada pela maioria dos evangélicos. Em relação ao aborto, por exemplo, na primeira votação na defesa legal da vida desde a concepção, o resultado foi: “todos os constituintes,

¹¹ FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro Editora, 1994, p. 46.

¹² FRESTON, 1994, p. 46. O autor ainda destaca que, desses 21 candidatos oficiais, doze eram da Assembleia de Deus, quatro da Universal, dois da Quadrangular e três de outras denominações pentecostais ou carismáticas, mas com o apoio da Assembleia.

¹³ SYLVESTRE, Josué. *Irmão Vota em Irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Brasília: Editora Pergaminho, 1986, p. 53-54.

22%; protestantes históricos, 46%; e pentecostais, 93%”¹⁴. A deputada Benedita da Silva, ligada na época à Assembleia de Deus, foi uma exceção à regra. Em relação ao homossexualismo, a deputada Benedita propôs a inclusão de “orientação sexual” na Constituição. Os deputados pentecostais Salatiel Carvalho e José Fernandes reagiram contrariamente. Fernandes propôs “desvio sexual”. A questão acabou omitida do projeto final. Contrariando a posição histórica do protestantismo, a maior parte dos deputados pentecostais votou contra o divórcio, ombreando-se mais uma vez com os representantes católicos. Essas posições são assumidas como forma de impressionar os eleitores evangélicos. O recurso à espiritualização é constante. Ser contra vícios, aborto, homossexualidade, divórcio e afins é uma forma de afirmar que o “Brasil pertence ao Senhor Jesus”. Os líderes evangélicos teriam essa tarefa de resgatar o país das trevas e proteger a família.¹⁵

O que apresentamos até aqui nos serve como pano de fundo histórico para percebermos que a identificação da maioria dos representantes políticos evangélicos com a direita e a extrema-direita não é um fenômeno novo, surgido apenas na era do bolsonarismo, mas, um movimento cujas raízes remontam, pelo menos, ao período que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964. Como já apontamos, a formação e consolidação dessa identidade conservadora deve muito à influência norte-americana exercida sobre as denominações evangélicas brasileiras através das Missões de Fé e dos televangelistas. Embora, devemos ressaltar, as causas desse conservadorismo possam ser encontradas também em outras fontes relacionadas à própria formação da sociedade brasileira e também a questões de cunho teológico, intrínsecas ao mundo protestante.

2. Evangélicos e Extrema Direita na Era do Bolsonarismo

Particularmente, eu identifico as eleições de 2014 como o momento em que os políticos de todos os matizes perceberam, definitivamente, a importância do campo religioso evangélico e seu peso nos resultados eleitorais. Todos os candidatos à presidência da República direcionaram boa parte de seus esforços para angariarem apoio dos principais líderes evangélicos, especialmente pentecostais e neopentecostais. Esta corrida pelo voto evangélico ganhou contornos inéditos nessas eleições. Os temas de ordem moral, família, aborto, homossexualidade, dentro outros, foram incorporados nos discursos, numa simbiose crescente entre política e religião.¹⁶

A candidata eleita, Dilma Rousseff, se tornaria a primeira mulher eleita presidente do Brasil. Logo, ela se tornaria alvo dos ataques desses políticos, com forte apoio da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), criada em 2003, o que culminou no seu processo de impeachment. A Agência Pública, agência de jornalismo independente fundada em 2011 por repórteres

¹⁴ FRESTON, 1994, p. 77. O ápice da demagogia ocorreu no debate entre o deputado Sotero Cunha, da Assembleia de Deus, e a senadora adventista Eunice Michiles. Cunha afirmou ser contra o aborto em qualquer caso. Ao ser questionado pela senadora (“mesmo com um revólver apontado para a cabeça?”), o deputado respondeu: “Bem, pode perder a vida, mas evitar o estupro”.

¹⁵ BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil*. São Paulo: Annablume Editora e São Bernardo do Campo: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009, p. 191.

¹⁶ TOSTES, Angelica. Evangélicos no Brasil: do impeachment de Dilma Rousseff ao governo Bolsonaro. In: REIS, Livia [et. al.]. *Dicionário para Entender o Campo Religioso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2023, p. 119.

mulheres, apontou que “83,85% da bancada evangélica votou favoravelmente ao impeachment de Dilma”¹⁷. Angelica Tostes apresenta também dados da pesquisa do Huffpost Brasil, segundo a qual “os crimes de responsabilidade fiscal foram mencionados apenas 18 vezes na Câmara dos Deputados, enquanto termos como “família e filhos” e “Deus” foram citados 250 e 75 vezes, respectivamente”¹⁸.

Enquanto tramitava o processo de afastamento da presidente Dilma, o então Deputado Federal, Jair Bolsonaro, aproximou-se dos evangélicos, primeiro filiando-se ao Partido Social Cristão (PSC), presidido pelo pastor da Assembleia de Deus, Everaldo Pereira. Ato contínuo, em 12 de maio de 2016, ele deixou-se batizar nas águas do Rio Jordão pelo próprio pastor Everaldo.¹⁹

Uma confluência de fatores criou as condições para a eleição de Bolsonaro em 2018. Sua reaproximação dos militares, as ações da Operação Lava-Jato, campanha jurídico-política que visava o desmantelamento das forças de esquerda com apoio do governo norte-americano, mobilização da grande imprensa brasileira em apoio acrítico à Lava-Jato, além da já citada aproximação de Bolsonaro das principais lideranças evangélicas. O tempero sobre todo esse caldeirão político-ideológico-eleitoreiro foi a enxurrada de *fake news* disseminadas pelas redes sociais, especialmente YouTube e WhatsApp.

Dentre as muitas notícias falsas disseminadas, destacaram-se o *Kit Gay* e a Ideologia de Gênero, a primeira de caráter mais transitório e a segunda permanente. O candidato Jair Bolsonaro explorou fartamente o tema do Kit Gay, acusando o seu adversário, Fernando Haddad, de ser o mentor do tal Kit e chegou a mostrar o material em entrevista ao Jornal Nacional, da TV Globo, principal telejornal do país. O argumento do candidato da extrema-direita e de seus seguidores era de que o Kit era um material que induzia as crianças a se tornarem gays.

Já a Ideologia de Gênero tem sido o argumento onipresente nos discursos da extrema-direita. Como esclarece Manuel Alejandro Rodríguez Rondón, o termo é vago e, portanto, de difícil conceituação. Geralmente é usado para classificar uma série de pessoas e organizações como entes que atuam contra o que seria a “ordem natural”. As crianças são usadas como símbolo desta luta. O tema da sexualidade é transversal, justificando o argumento de que os ideólogos de gênero são anti-família, pro-aborto, anti-mulher etc.²⁰ Debaiixo do guarda-chuva da Ideologia de Gênero, os extremistas colocam “ateus, comunistas, homossexuais, feministas e pessoas que defendem uma solução não militar para o conflito armado, constituindo-os assim como o inimigo da nação”²¹.

A campanha política de 2022 ressuscitou boa parte desses temas, alguns com novas roupagens. Assim como em 2018, o objetivo era gerar pânico na população, especialmente nos grupos religiosos que passaram a se sentir ameaçados em seus valores e em sua visão de mundo. Notícias falsas davam conta de que banheiros unissex seriam construídos em escolas, o aborto seria aprovado, igrejas seriam fechadas, haveria expropriação de bens, um governo comunista seria instalado no Brasil com alianças com Rússia e China. A pauta proposta pelo bolsonarismo

¹⁷ Apud TOSTES, 2023, p. 120.

¹⁸ TOSTES, 2023, p. 120.

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=XmDE6jGtfRU> Acesso em 24/11/2023.

²⁰ RONDÓN, Manuel Alejandro Rodríguez. La ideología de género como exceso: pánico moral y decisión ética en la política colombiana. *Sexualidad, Salud y Sociedad* – Revista Latinoamericana 129 ISSN 1984-6487 / n. 27 – dic. / dez. / dec. 2017 – pp.128-148, p. 132. / Rondón, M. / www.sexualidadsaludysociedad.org

²¹ RONDÓN, 2017, p. 132.

como alternativa à agenda da esquerda passava pela proteção da família, do cristianismo como base da sociedade, o armamentismo, uma política econômica liberal com a valorização do indivíduo dentre outros temas. O apoio que Bolsonaro recebeu dos principais líderes evangélicos brasileiros foi essencial para sua eleição. Nada menos do que 69% dos evangélicos votaram nele em 2018.²²

Assim como na década de 60, a influência de igrejas e organizações religiosas estadunidenses está por traz das articulações entre pastores evangélicos brasileiros e a extrema-direita no Brasil. Desta feita, a teologia que dá sustentação a esta relação é a chamada Teologia do Domínio. Teologia do Domínio, Reconstrucionismo, Dominionismo, Teonomia, Nacionalismo Cristão são expressões que fazem parte do mesmo campo teológico-ideológico, mas possuem distinções, em que pese a afirmação de muitos textos acadêmicos de serem simplesmente sinônimos.²³ Assumindo que aqui vai uma simplificação, podemos dizer que a diferença entre os termos parece ter a ver com o nível de radicalismo de seus militantes, estando o uso dos termos reconstrucionismo e teonomia entre os mais radicais.²⁴ Chip Berlet define o Reconstrucionismo Cristão como “uma forma de teologia do domínio teocrático”²⁵. E ele ainda diz que “embora todos os Reconstrucionistas Cristãos sejam dominionistas, nem todos os dominionistas são Reconstrucionistas Cristãos.”²⁶ Para efeitos didáticos, usarei neste texto a expressão Teologia do Domínio (TD) como uma espécie de guarda-chuva para todas essas palavras.

O teórico por traz da TD é o pastor presbiteriano estadunidense, de origem armênia, Rousas J. Rushdoony (1916-2001). Rushdoony pregava a necessidade de reconstrução da nação norte-americana a partir dos princípios do cristianismo, daí o termo *reconstrucionismo*. Ele achava que o Estado não tinha capacidade de evitar a degradação moral da nação. Assim, seu programa se iniciava pela reforma do sistema educacional. É dele a proposta de que *as* crianças deveriam ser educadas por suas famílias e não pelo Estado, método conhecido como *Homeschooling*. Para os reconstrucionistas não existe Estado secular, tudo é religioso.²⁷

Frederick Clarkson define o reconstrucionismo como uma teologia que “propõe que a aplicação contemporânea das leis de Israel do Antigo Testamento, ou “Lei Bíblica”, é a base para a reconstrução da sociedade em direção ao Reino de Deus na terra”²⁸. E ele continua,

²² FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 34. e238866, 2021, pp 1-27.

²³ Para um esclarecimento acerca das diferenças e peculiaridades de cada termo, ver BERLET, Chip. *What is Dominionism?* Palin, the Christian Right, & Theocracy, 2008. <http://www.theocracywatch.org/>. Acesso em 26/11/2023.

²⁴ PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política de Bolsonaro. *Projeto História*, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023. p. 150, 151.

²⁵ BERLET, 2008.

²⁶ BERLET, 2008. Berlet ainda faz uma diferença entre o que ele chama de *Soft Dominionism* e *Hard Dominionism*. Ele afirma que os seguidores do *Soft Dominionism* “são nacionalistas cristãos. Eles acreditam que a imoralidade e o pecado definidos pela Bíblia geram caos e anarquia. Eles temem que a grandeza da América como terra escolhida por Deus tenha sido minada por humanistas seculares liberais, feministas e homossexuais (...). A sua visão tem elementos de teocracia, mas não chega a apelar à suplantação da Constituição e da Declaração de Direitos.” Já os seguidores do *Hard Dominionism* “acreditam em tudo isto, mas querem que os Estados Unidos sejam uma teocracia cristã. Para eles, a Constituição e a Declaração de Direitos são apenas adendos à lei bíblica do Antigo Testamento.” BERLET, 2008.

²⁷ PEREIRA, 2023, p. 153.

²⁸ CLARKSON, Frederick. *Christian Reconstructionism: Theocratic Dominionism Gains Influence*. <https://politicalresearch.org/1994/03/01/christian-reconstructionismtheocratic-dominionism-gains-influence>. Acesso em 26/11/2023.

O Reconstrucionismo argumenta que a Bíblia deve ser o texto governante para todas as áreas da vida – como governo, educação, direito e artes, e não apenas questões “sociais” ou “morais” como pornografia, homossexualidade e aborto. Os reconstrucionistas formularam uma “visão de mundo bíblica” e “princípios bíblicos” pelos quais as questões contemporâneas são examinadas.²⁹

Dentre as dezenas de próceres da TD, Eliseu Pereira destaca, além de Rousas J. Rushdoony, seu genro Gary North (1942-2022), Francis Scheffer (1912-1984) e C. Peter Wagner (1930-2016).³⁰ Gary North, economista liberal, criou as bases econômicas liberais para a Direita Cristã norte-americana. Num texto escrito em 1999 intitulado *The Covenantal Wealth of Nations*, para o Boletim *Biblical Economics Today*, do *Institute for Christian Economics* (ICE) fundado por ele, North defende que as Leis Mosaicas são a base para uma economia liberal.³¹ Coerente com a TD, para ele “o caminho para a riqueza, tanto individual quanto corporativa, é pela adesão sistemática à lei de Deus revelada pela Bíblia”³². E ainda, ele entende que se existem pobres é por vontade divina.³³

Quanto à pena de morte, tanto Rushdoony, quanto North defendem a punição para

uma vasta gama de crimes, para além dos crimes capitais contemporâneos como a violação, o rapto e o homicídio. A morte também é a punição para apostasia (abandono da fé), heresia, blasfêmia, feitiçaria, astrologia, adultério, “sodomia ou homossexualidade”, incesto, agressão aos pais, delinquência juvenil incorrigível e, no caso das mulheres, “incastidade antes do casamento”.³⁴

E Clarkson, completa

Os métodos de execução aprovados pela Bíblia incluem queima (na fogueira, por exemplo), apedrejamento, enforcamento e “a espada”. Gary North, o autoproclamado economista do Reconstrucionismo, prefere o apedrejamento porque, entre outras coisas, as pedras são baratas, abundantes e convenientes.³⁵

Considerado de linha mais moderada dentro do espectro da TD, Francis Schaeffer apareceu como uma espécie de filósofo da Teologia do Domínio. Schaeffer tornou-se famoso pela fundação do Instituto L’Abri, na Suíça, e pela publicação de livros muito influentes nas últimas décadas do século 20, especialmente sua trilogia *A Morte da Razão* (1968), *o Deus que Intervém* (1968) e *o Deus que se Revela* (1972), além de *O Manifesto Cristão* (1981). O argumento básico em seus textos é de que o avanço do humanismo tem levado a sociedade norte-americana à decrepitude com a implantação de práticas como o aborto, a secularização das escolas públicas etc. Por isso, a necessidade de reconstrução dos valores tradicionais para a restauração da sociedade segundo os princípios da civilização judaico-cristã.³⁶

²⁹ CLARKSON, 1994.

³⁰ PEREIRA, 2023, p. 152.

³¹ NORTH, Gary. *The Covenantal Wealth of Nations*. *Biblical Economics Today*, vol. XXI, nº 2, feb/mar 1999. Disponível em <https://web.archive.org/web/20071112035747/http://reformed-theology.org/ice/newslet/bet/bet99.02.htm> Acesso em 26/11/2023.

³² *Apud* PEREIRA, 2023, p. 154.

³³ NORTH, 1999.

³⁴ CLARKSON, 1994.

³⁵ CLARKSON, 1994.

³⁶ PEREIRA, 2023, p. 156.

Finalmente, C. Peter Wagner, famoso professor do Seminário Teológico Fuller, em Pasadena, CA. Autor de mais de 80 livros, Wagner promoveu em todo o mundo ideias como maldições hereditárias e batalha espiritual com grande aceitação no Brasil. Ele é o grande mentor por traz da chamada *Nova Reforma Apostólica* (NRA), “movimento que defende a restauração do ministério apostólico e profético, a fim de formar o governo apostólico da igreja dos últimos tempos, que irá submeter todas as esferas da sociedade ao senhorio de Jesus”³⁷.

Vale destacar ainda as características da TD. Para Frederick Clarkson, as três principais são:

[1] Os dominionistas celebram o nacionalismo cristão, na medida em que acreditam que os Estados Unidos já foram, e deveriam ser novamente, uma nação cristã. Desta forma, negam as raízes iluministas da democracia americana. [2] Os dominionistas promovem a supremacia religiosa, na medida em que geralmente não respeitam a igualdade de outras religiões, ou mesmo de outras versões do Cristianismo. [3] Os dominionistas endossam visões teocráticas, na medida em que acreditam que os Dez Mandamentos, ou “lei bíblica”, deveriam ser o fundamento da lei americana, e que a Constituição dos EUA deveria ser vista como um veículo para a implementação dos princípios bíblicos.³⁸

A estas características, Eliseu Pereira acrescenta a doutrina dos sete montes. Segundo ele mesmo informa, esta doutrina foi criada por Loren Cunningham, fundador da *Jovens com Uma Missão* (Jocum), e por Bill Bright, fundador da *Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo*. Basicamente, é uma ideia segundo a qual “os cristãos devem assumir o domínio das áreas estratégicas da sociedade: família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo”³⁹. Eis aí os tais “sete montes”.

Numa entrevista concedida em 2007 ao site *Reclaim 7 Mountains*, Cunningham disse que a doutrina das sete montanhas foi concedida a ele por Deus e simultaneamente também a Bill Bright e Francis Shaeffer.⁴⁰ Ao ser perguntado sobre o que impediu a igreja de avançar no controle das sete montanhas, também chamadas sete esferas, ele responde

Porque a visão de mundo mudou na América e no Ocidente. E afastou-se da cosmovisão cristã bíblica, que existia na minha infância, a cosmovisão da América e da Europa. E então, ao vermos a mudança que ocorreu, assumimos uma visão de mundo humanista, que é basicamente anticristã. E, chamamos isso de “cosmovisão secular” (ou “humanismo secular”), que é realmente contra a cosmovisão cristã bíblica. Por isso, este solo duro não está produzindo nada.⁴¹

As ideias da Teologia do Domínio têm influenciado lideranças evangélicas brasileiras há décadas. Mas, provavelmente, nunca esta influência e intervenção na arena eclesial e política no Brasil tenha sido tão intensa quanto nos últimos anos, período que coincide com a ascensão do bolsonarismo. Semelhante à atuação de organizações evangélicas no Brasil após o golpe de 1964, mudaram os atores, mas as investidas permanecem. São muitas as organizações

³⁷ PEREIRA, 2023, p. 156.

³⁸ CLARKSON, Frederick. *The Rise of Dominionism: remaking America as a Christian Nation*, 2005. <https://politicalresearch.org/2005/12/05/the-rise-of-dominionismremaking-america-as-a-christian-nation> Acesso em 26/11/2023.

³⁹ PEREIRA, 2023, p. 152.

⁴⁰ <https://archive.is/e9zT6> Acesso em 26/11/2023.

⁴¹ <https://archive.is/e9zT6> Acesso em 26/11/2023.

norte-americanos que têm atuado em consonância com essas lideranças evangélicas nacionais. Esses *Ministérios* atuam com o objetivo de tornarem as ideias sustentadas pela Teologia do Domínio uma realidade nas esferas de poder.

Um desses principais movimentos é o *Capitol Ministries*, fundado pelo ex-jogador de basquete e pastor Ralph Drollinger na Califórnia, em 1996. A Agência Pública realizou uma longa reportagem sobre essa organização e sua influência no Brasil e em outros países da América Latina. O objetivo básico de Drollinger é a conversão de políticos ao que ele chama de cosmovisão cristã da sociedade. Assim como no passado tivemos os Atletas de Cristo, a Mocidade Para Cristo, agora o objetivo são os Políticos de Cristo. É a visão de um governo teocrático, baseado nos princípios bíblicos, assim como entendidos pelos fundamentalistas religiosos. O lema que consta no site da organização é “*Making Disciples of Jesus Christ in the Political Arena Throughout the World*”⁴². Segundo a reportagem da Agência Pública, o salto nas ações do *Capitol Ministries* se deu em 2017 com a aproximação, uma verdadeira aliança, feita com o governo de Donald Trump.⁴³

Assim, como afirma Drollinger em seu site, a aliança entre o *Capitol Ministries* e o Governo americano visa dominar o mundo. A isso ele chama de evangelização, a Grande Comissão. O objetivo é fundar 200 filiais de seu ministério em 200 países.⁴⁴ Na América Latina eles já estão presentes no México, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil e em diferentes fases de implantação nos demais países.⁴⁵

A estratégia para alcançar seus objetivos é a condução de estudos bíblicos que são traduzidos do inglês para o português e o espanhol, com parlamentares, ministros de governo e líderes políticos, chegando até o chefe da nação. Lemos na reportagem da Agência Pública:

Nossa ideia é chegar a nível de Presidência da República e ministros, primeiro escalão. A gente tem um slogan que é ‘first the firsts’, ou seja, primeiro os primeiros. Através dessas pessoas com relevância a gente pode mudar o destino da nossa nação”, diz o pastor Ferreira Jr., que, indicado pelo diretor regional no Brasil, pastor Giovaldo de Freitas, passou por uma semana de treinamento em Seattle com Ralph Drollinger e sua equipe.⁴⁶

E o pastor Ferreira Jr. conclui: “Nosso objetivo é reconstruir a nação a partir de valores cristãos que são forjados através do estudo da palavra”⁴⁷.

O Brasil tem tido os seus próprios *Ministérios* comprometidos com a expansão dos ideais da Teologia do Domínio em nossas terras. Um dos mais destacados, embora com pouca cobertura da imprensa nacional, provavelmente por ter sua Sede na cidade de Manaus (AM), é o *Ministério Internacional da Renovação* (MIR) fundado pelo apóstolo Renê Terra Nova em 1992.

Os professores Raimundo Barreto, do *Princeton Theological Seminary* e João Chaves da

⁴² <https://capmin.org/> Acesso em 24/11/2023.

⁴³ <https://apublica.org/2019/08/os-pastores-de-trump-chegam-a-brasilia-de-bolsonaro/> Acesso em 24/11/2023.

⁴⁴ <https://capmin.org/ministries/international/> Acesso em 24/11/2023.

⁴⁵ <https://capmin.org/ministries/international/latin-america/ministry-map/> . Uma investigação sobre a presença do *Capitol Ministries* em países da América Latina realizada pelo projeto Transnacionais da Fé que reúne 16 meios de comunicação latino-americanos pode ser encontrada aqui: <https://transnacionalesdelafe.com/> Acesso em 24/11/2023.

⁴⁶ <https://apublica.org/2019/08/os-pastores-de-trump-chegam-a-brasilia-de-bolsonaro/> Acesso em 24/11/2023.

⁴⁷ <https://apublica.org/2019/08/os-pastores-de-trump-chegam-a-brasilia-de-bolsonaro/> Acesso em 24/11/2023.

Baylor University participando de um Seminário na cidade de Baltimore (MD) em julho de 2023, fizeram uma apresentação mostrando as mútuas influências entre os nacionalismos cristãos no Brasil e nos Estados Unidos. Nesta palestra, com previsão de publicação em 2025, eles deram destaque ao Ministério deste ex-pastor batista, Renê Terra Nova. Segundo eles, Terra Nova assume que suas principais influências são os pastores norte-americanos C. Peter Wagner e John Kelly, além dos evangelistas colombianos, César e Cláudia Castellanos, criadores de um método de crescimento de igreja baseado em células conhecido como G-12, além da pastora brasileira, Valnice Milhomens, famosa no Brasil em fins dos anos 80 e início dos anos 90 pelas suas pregações baseadas na Teologia da Prosperidade.⁴⁸

Ainda conforme Barreto e Chaves, Renê Terra Nova defende que o Brasil foi amaldiçoado desde o descobrimento e só pode ser redimido pelos atos proféticos dos apóstolos contemporâneos, sendo ele, Terra Nova, um de seus representantes. Da influência de Peter Wagner, ele advoga a conquista de territórios dos domínios demoníacos. Isto pode ser feito com o avanço da influência apostólica sobre todas as esferas da sociedade. No campo político, isto será feito com a eleição de pessoas comprometidas com esta agenda. Um destaque feito pelos professores Barreto e Chaves é que, tanto Terra Nova, quanto Wagner entendem que estas pessoas não são necessariamente cristãs evangélicas (isto resolve o problema no caso de Bolsonaro, no Brasil), contanto que defendam os valores da igreja contra uma sociedade ímpia e corrupta e, assim, ajudem no domínio das “sete montanhas” visando o estabelecimento de uma democracia cristã à qual, todos deverão se curvar.⁴⁹

Considerações finais

Apresentei neste texto uma proposta de compreensão da relação dos evangélicos e a extrema-direita no Brasil na era Bolsonaro, considerando o contexto histórico mais amplo, tentando identificar o que houve de similaridade entre a atual situação e a que ocorreu no período imediatamente posterior ao golpe civil-militar ocorrido no Brasil em 1964. Obviamente, se se buscou as similaridades, assumimos também que são muitas as diferenças que marcam esses dois períodos históricos. A começar pela demografia evangélica que saltou da década de 1960, em torno de 2,5% a 3%, para os atuais 30% da população brasileira. Mas, tanto lá, quanto cá, a influência da Direita Cristã estadunidense foi decisiva para que as denominações brasileiras seguissem o rumo que trilharam e trilham.

Lá, as Missões de Fé e os televangelistas desempenharam esse papel de estabelecerem uma agenda moral que, ao fim e ao cabo, cria as condições para um plano de poder. Se naquele período a Teologia do Domínio ainda estava no processo de construção de seus referenciais teóricos, agora ela plenamente amadurecida, proporciona as bases sobre as quais as atuais lideranças evangélicas, nos Estados Unidos e no Brasil, erguem seus projetos de poder.

Como apontado, o discurso político-ideológico da extrema direita é sobreposto a uma hermenêutica bíblica fundamentalista ao ponto desses discursos se fundirem, apresentando-se com

⁴⁸ BARRETO, Raimundo; CHAVES, João. *Christian (Inter)Nationalism in the U.S. and Brazil: a Tale of Mutual Influence*. Palestra não publicada.

⁴⁹ BARRETO; CHAVES.

um único e mesmo discurso. É bem verdade que essas forças não são tão homogêneas assim, possuindo matizes e projetos de poder próprios. Mas, em suma, o ideário das várias correntes que labutam nesta seara da Direita Cristã objetiva a refundação da nação sobre o que eles entendem ser as bases da civilização judaico-cristã: a família heterossexual branca, uma educação cristã na escola pública, a valorização dos esforços do indivíduo, a meritocracia, uma economia liberal, o armamentismo como sinal da liberdade de cada um na autodefesa, uma justiça punitivista, com a implantação da pena de morte, o cerceamento dos direitos de grupos minoritários, notadamente, mulheres, homossexuais, negros, indígenas etc.

Um tema transversal a essa agenda é a Ideologia de Gênero que seria resultado de um excesso de autonomia de pessoas que querem redefinir os papéis tradicionais de homem e mulher e cujo objetivo final seria influenciar a orientação e identidade sexual das crianças. Daí a necessidade de se combater o feminismo, o lobby gay, os abortistas.⁵⁰

Essa relação das denominações evangélicas no Brasil com a extrema direita nos impõe desafios a serem enfrentados e algumas constatações podem ser feitas: (1) Mesmo identificando a adesão dos líderes evangélicos à política nos anos 80, a adesão massiva, profunda e acrítica ao bolsonarismo foi surpreendente; (2) Bolsonaro foi uma espécie de governo evangélico-militar sem se assumir assim oficialmente; (3) A TD pela sua própria natureza e proposta está interconectada à proposta de uma economia ultraliberal, Estado Mínimo, liberdade individual se sobrepondo à coletiva, armamentismo, valores tradicionais, proteção da família burguesa e, conseqüentemente, ataque ao feminismo, à comunidade LGBTQI+, é racista e segregacionista, propõe a doutrinação no ambiente educacional, o que eles chamam de Escola Sem Partido, a defesa do *homeschooling*, a defesa de um sistema de justiça punitivista, é xenofóbico com defesa do nacionalismo etc; (4) O Antigo Testamento é essencial para a TD, uma espécie de livro de cabeceira; (5) Podemos acusar os líderes evangélicos da extrema direita de muitas coisas, mas não de preguiçosos. Impressiona a profusão de Institutos, Fundações, *Think tanks*, Boletins, Revistas, Periódicos, a publicação de muitos livros, a produção de filmes e documentários etc. Isto pode ser verificado no ministério de praticamente todos os pastores ligados à Teologia do Domínio. No caso dos Estados Unidos isto se multiplica exponencialmente em função do imenso poder econômico por trás dessas organizações.

As estratégias para o enfrentamento desse cenário por parte do campo progressista passam, necessariamente, pela revisão de seu discurso e linguagem, especialmente no diálogo com a população, base da sociedade, pela readequação de sua visão e relação com as comunidades evangélicas que se constituem, de agora em diante, em um protagonista influente no sistema político brasileiro.

Obviamente, nos limites deste artigo, não foi possível abordarmos temas transversais à Teologia do Domínio e a forma como ela tem balizado a relação dos evangélicos e da extrema-direita no Brasil. Necessitamos ainda de pesquisas a partir do nosso contexto que aprofundem a compreensão do caráter transnacional desta teologia-ideologia, o mapeamento e análise, não apenas do nacionalismo cristão, mas dos nacionalismos religiosos espalhados em vários cantos do planeta. Há ainda a necessidade de estudos sobre o uso das mídias sociais como instrumento preferencial para a disseminação de desinformação e a captura do debate público com a in-

⁵⁰ RONDÓN, 2017, p. 133 e 134.

tenção de se estabelecer um sistema político-ideológico que imponha sobre toda a sociedade um governo teocrático, nos moldes do propugnado pelo Reconstrucionismo. Esses são apenas alguns horizontes de pesquisa que ainda carecem de maior aprofundamento.

Referências

- ALMEIDA, Vasni de. Ensino Religioso ou Educação Moral e Cívica? A participação de Guaraci Silveira na Assembléia Nacional Constituinte de 1933/1934. *Revista de Educação do COGEIME*, Ano 11, n. 21, dezembro/2002.
- BAPTISTA, Saulo. *Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira: um estudo sobre cultura política, Estado e atores coletivos religiosos no Brasil*. São Paulo: Annablume Editora e São Bernardo do Campo: Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2009.
- BARRETO, Raimundo; CHAVES, João. *Christian (Inter)Nationalism in the U.S. and Brazil: a Tale of Mutual Influence*. Palestra não publicada.
- BERLET, Chip. *What is Dominionism? Palin, the Christian Right, & Theocracy*, 2008. <http://www.theocracywatch.org/>
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social*. Vitória: Editora Unida, 2019.
- LIMA, Delcio Monteiro de. *Os Demônios Descem do Norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Raízes Históricas, Sociais e Teológicas do Movimento Pentecostal. *Simpósio*, vol. 10 (4), ano XXXVII, n. 48, 2008.
- CLARKSON, Frederick. *Christian Reconstructionism: Theocratic Dominionism Gains Influence*. <https://politicalresearch.org/1994/03/01/christian-reconstructionismtheocratic-dominionism-gains-influence>.
- CLARKSON, Frederick. *The Rise of Dominionism: remaking America as a Christian Nation*, 2005. <https://politicalresearch.org/2005/12/05/the-rise-of-dominionismremaking-america-as-a-christian-nation>
- FERREIRA, Matheus Gomes Mendonça. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 34. e238866, p. 1-27, 2021.
- FRESTON, Paul. *Evangélicos na Política Brasileira: história ambígua e desafio ético*. Curitiba: Encontro Editora, 1994.
- NORTH, Gary. *The Covenantal Wealth of Nations*. *Biblical Economics Today*, vol. XXI, nº 2, fev/mar 1999. Disponível em <https://web.archive.org/web/20071112035747/http://reformed-theology.org/ice/newslet/bet/bet99.02.htm>
- PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política de Bolsonaro. *Projeto História*, São Paulo, v. 76, p. 147-173, Jan.-Abr., 2023.
- READ, William R. *Fermento Religioso nas Massas do Brasil*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1967.
- REZENDE, Jonas. *E Lysâneas disse basta!* esboço biográfico de Lysâneas Maciel. Rio de Janeiro: MAUAD, 2000. DASILIO, Derval. *Jaime Wright: o pastor dos torturados*. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2012.

- RONDÓN, Manuel Alejandro Rodríguez. La ideología de género como exceso: pánico moral y decisión ética en la política colombiana. *Sexualidad, Salud y Sociedad* – Revista Latinoamericana 129, n. 27, p. 128-148, dic./dez./dec. 2017. Rondón, M./www.sexualidadsaludysociedad.org.
- SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de (Ed). *O Espírito Santo e o Movimento Pentecostal: textos do Simpósio da ASTE de 1965*. São Paulo: ASTE, 2022.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A Experiência da Salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- SYLVESTRE, Josué. *Irmão Vota em Irmão: os evangélicos, a constituinte e a Bíblia*. Brasília: Editora Pergaminho, 1986.
- TOSTES, Angelica. Evangélicos no Brasil: do impeachment de Dilma Rousseff ao governo Bolsonaro. In: REIS, Livia [et. al.]. *Dicionário para Entender o Campo Religioso*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 2023.

Sites

- <https://apublica.org/2019/08/os-pastores-de-trump-chegam-a-brasilia-de-bolsonaro/>
<https://archive.is/e9zT6>
<https://capmin.org/>
<https://capmin.org/ministries/international/>
<https://capmin.org/ministries/international/latin-america/ministry-map/>
<https://transnacionalesdelafe.com/>
<https://www.youtube.com/watch?v=XmDE6jGtfRU>

Submetido em: 11/06/2024

Aprovado em: 25/11/2024